COMUNICAÇÃO ORAL - CORPO, CULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA

O FUTEBOL SOB VIGILÂNCIA: CENSURA, GÊNERO E DITADURAS NO BRASIL (1941–1980)

Caroline Soares De Almeida (almeidacarol@yahoo.com)

A comunicação analisa o futebol como espaço de controle, disciplina e resistência durante as ditaduras brasileiras. A partir de pesquisas realizadas na Hemeroteca da Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional, investigo como as políticas de censura e moralização presentes nos regimes autoritários no Brasil moldaram as representações e as possibilidades de atuação das mulheres no futebol entre 1941 e 1979. O trabalho dialoga com as reflexões de Linda Nochlin acerca dos mecanismos institucionais que produzem exclusões, bem como com o conceito de “Gênero da Bola”, desenvolvido pela antropóloga Mariane Pisani, para compreender como o futebol brasileiro foi historicamente estruturado a partir de uma lógica masculina cis-heteronormativa. Também mobilizo contribuições de Patricia Hill Collins para pensar o poder disciplinar e os marcadores sociais da diferença que atravessam o espaço futebolístico. A pesquisa evidencia que o futebol de mulheres não foi apenas proibido oficialmente pelo Conselho Nacional de Desportos em 1941, mas também alvo de censura cultural sistemática. Processos da Divisão de Censura de Diversões Públicas demonstram que produções culturais envolvendo “futebol feminino”

eram avaliadas a partir de critérios morais e políticos: quanto mais mulheres eram representadas de forma positiva e competente no esporte, maiores eram as restrições impostas pelos órgãos censórios. Em contraste, representações caricatas, misóginas ou deslegitimadoras circulavam com maior facilidade. Ao mesmo tempo, os regimes autoritários utilizaram o esporte como instrumento de propaganda política, vigilância e controle social — desde a destituição de João Saldanha em 1970 até a investigação e tentativa de cooptação de jogadores pelos órgãos repressivos. Em contrapartida, futebolistas articularam resistências cotidianas em praias, periferias, campos de várzea e festivais culturais, disputando espaços de visibilidade e legitimidade. Destaca-se, nesse contexto, a atuação da equipe pernambucana Coisinha do Pai, liderada por Carminha Nóbrega, que articulou estratégias de permanência e reivindicação política em defesa do futebol de mulheres. Nesse sentido, para além de uma tecnologia de gênero, apresento o futebol também como uma tecnologia de acionamento da memória, capaz de revelar disputas políticas, silenciamentos históricos e formas de resistência produzidas por mulheres em contextos autoritários.

Palavras-chave: futebol de mulheres; censura; ditadura brasileira; gênero; memória.